




A VOZ DA ERMIDA

Complexo da Ermida de
São Pio de Pietrelcina
Faxinal do Soturno - Quarta Colônia
Rio Grande do Sul - Brasil

"Tenha Jesus Cristo em seu coração e todas as cruzes do mundo parecerão rosas"
(Padre Pio)

Ano XIII - nº 06 – junho 2016

Faxinal do Soturno – Quarta Colônia

ERMIDA DE SÃO PIO: UM LUGAR DE ENCONTRO COM DEUS

Padre Pio de Pietrelcina e a imitação de Cristo

Padre Pio de Pietrelcina foi uma pessoa que procurou conformar a sua vida com a de Jesus Cristo. Uma de suas inspirações encontra-se em São Paulo que diz: "Quanto a mim, Deus me livre de me gloriar a não ser na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo" (*Gál 6, 14*). O ponto alto da sua vida e do seu apostolado era a cruz de Jesus. Ele acreditou que deveria obedecer radicalmente o seu Senhor, atendendo ao convite de deixar tudo, tomar a cruz de cada dia e segui-Lo.

A propósito do Padre Pio querer seguir em tudo Jesus Cristo, o site do Vaticano diz o seguinte:

"Para o Padre Pio, a fé era a vida: tudo desejava e tudo fazia à luz da fé. Empenhou-se assiduamente na oração. Passava o dia e grande parte da noite em colóquio com Deus. Dizia: «Nos livros, procuramos Deus; na oração, encontramos-Lo. A oração é a chave que abre o coração de Deus». A fé levou-o a aceitar sempre a vontade misteriosa de Deus.

Viveu imerso nas realidades sobrenaturais. Não só era o homem da esperança e da confiança total em Deus, mas, com as palavras e o exemplo, infundia estas virtudes em todos aqueles que se aproximavam dele. O amor de Deus inundava-o, saciando todos os seus anseios; a caridade era o princípio inspirador do seu dia: amar a Deus e fazê-Lo amar. A sua particular preocupação: crescer e fazer crescer na caridade.

A máxima expressão da sua caridade para com o próximo, vemo-la no acolhimento prestado por ele, durante mais de 50 anos, às inúmeras pessoas que acorriam ao seu ministério e ao seu confessionário, ao seu conselho e ao seu conforto. Parecia um assédio: procuravam-no na igreja, na sacristia, no convento. E ele prestava-se a todos, fazendo renascer a fé, espalhando a graça, iluminando. Mas, sobretudo nos pobres, atribulados e doentes, ele via a imagem de Cristo e a eles se entregava de modo especial.

Exerceu de modo exemplar a virtude da prudência; agia e aconselhava à luz de Deus.

O seu interesse era a glória de Deus e o bem das almas. A todos tratou com justiça, com lealdade e grande respeito.

Nele refulgiu a virtude da fortaleza. Bem cedo compreendeu que o seu caminho haveria de ser o da Cruz, e logo o aceitou com coragem e por amor. Durante muitos anos, experimentou os sofrimentos da alma. Ao longo de vários anos suportou, com serenidade admirável, as dores das suas chagas.

Quando o seu serviço sacerdotal esteve submetido a investigações, sofreu muito, mas aceitou tudo com profunda humildade e resignação. Frente a acusações injustificáveis e calúnias, permaneceu calado, sempre confiando no julgamento de Deus, dos seus superiores diretos e de sua própria consciência.

Recorreu habitualmente à mortificação para conseguir a virtude da temperança, conforme o estilo franciscano. Era temperante na mentalidade e no modo de viver.

Consciente dos compromissos assumidos com a vida consagrada, observou com generosidade os votos professados. Foi obediente em tudo às ordens dos seus Superiores, mesmo quando eram gravosas. A sua obediência era sobrenatural na intenção, universal na extensão e integral no cumprimento. Exercitou o espírito de pobreza, com total desapego de si próprio, dos bens terrenos, das comodidades e das honrarias. Sempre teve uma grande predileção pela virtude da castidade. O seu comportamento era, em todo o lado e para com todos, modesto.

Considerava-se sinceramente inútil, indigno dos dons de Deus, cheio de misérias e ao mesmo tempo de favores divinos. No meio de tanta admiração do mundo, ele repetia: "Quero ser apenas um pobre frade que reza".

Referência

VATICANO. **Padre Pio de Pietrelcina**. Disponível em:

<http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20020616_padre-pio_po.html>. Acesso em: 29 jun. 2016.

*Pe. Jerônimo José Brixner – Responsável pelas atividades religiosas da Ermida.
Vigário Paroquial da Paróquia São Roque de Faxinal do Soturno/RS
e Professor do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina de Santa Maria/RS.*

CAMINHANDO COM SÃO PIO

Para caminhar com São Pio precisa-se conhecer a vida e obra do Padre Pio.

O Sudário do Padre Pio

Francisco Cavicchi (1913-2005), um bem-sucedido industrial de [Conegliano](#), Província de [Treviso](#), [Itália](#), filho espiritual de Padre Pio, fez muitas visitas a San Giovanni Rotondo em sua vida, mas duas delas o marcaram definitivamente. A primeira foi em fevereiro de 1968, e a segunda em 23 de setembro de 1969, aniversário da morte do Padre Pio. Teria obtido um [Sudário](#) dele num lenço? Mas seria possível uma coisa destas?

Tentemos explicar com o depoimento do próprio Francisco. Depoimento que, em fins de 1998, ele deu ao [jornalista](#) e escritor Renzo Allegri. Estas imagens têm as típicas características do [Santo Sudário de Cristo](#): não foram pintadas, não foram desenhadas, na tela não se encontra nenhum traço de tinta ou de qualquer outra substância. A Ciência deve estar aberta a tudo, e se existe algo estranho, do qual não se conhece a origem, o caminho certo é a indagação”. Fanti usou os meios científicos mais modernos e sofisticados para explicar o caso, como análises fotográficas no visível, no ultravioleta, no infravermelho, análises químicas, análises no microscópio eletrônico etc. “**A conclusão é irrefutável: Impossível que estas imagens sejam de obra humana**”.

Francisco telefonou, entre setembro e dezembro de 1998, ao jornalista Renzo Allegri, pedindo que fosse visitá-lo. *O Senhor é um jornalista, e escreve frequentemente sobre o Padre Pio. Eu leio seus artigos. Tenho algo muito importante a lhe contar.* E lá se foi Renzo Allegri. Depois de um longo papo, de observar minuciosamente as "imagens-reíquias", etc., registrou os fatos, para publicar um artigo no jornal.

Qual a origem desta imagem?

A história começou em fins de fevereiro de 1968. Visitei o Padre Pio, a quem conhecia e frequentava há muito tempo, para pedir-lhe alguns conselhos. Viajei com meu próprio carro, junto com a esposa e amigos. Mas, chegados a [San Giovanni Rotondo](#), ficamos sabendo que o Padre não estava bem, e por isso não descia do quarto. Mesmo assim, permanecemos ali por alguns dias... e decidimos voltar para casa.

Antes de partir, fui até o superior do convento para saber se, por seu intermédio, podia fazer chegar ao padre Pio o meu pedido e obter uma resposta. "Por que não fala diretamente com ele?" – disse-me. – "Encontro-me aqui há mais dias e não o vejo", respondi. "Logo mais ele desce para atender às confissões dos homens" e, abrindo a porta da clausura, indicou-me o lugar do elevador aonde chegaria o Padre. "Aguarde-o aí", disse-me. Eu estava sozinho diante do elevador e andava preocupado. Não sabia de que jeito começaria a falar com o Padre Pio. Ele sempre tinha pouco tempo e, portanto, não podia perder-se em conversas. A agitação me fazia suar as mãos. Tirei do bolso o lenço e mantive-o apertado na mão, para enxugar o suor. E o elevador chegou. Ajoelhei diante da porta. No que ela abriu, Padre Pio me deu a mão a beijar e disse sorrindo: "Filho, se não levanta, como posso sair?" De fato, eu estava trancando a passagem. Levantei-me. Ele viu o lenço que tinha na mão e o pegou. Logo pensei: "Que beleza! Quando mo devolver, será para mim uma relíquia preciosa". Andando com o Padre, confiei-lhe meus problemas e, como sempre, ele teve respostas imediatas e precisas.

E assim chegávamos à entrada do convento. Fora havia uma multidão aguardando o Padre. Apenas aberta

a porta, muitos lhe correram ao encontro para beijar-lhe a mão, para tocá-lo. Num instante, foi engolido pela multidão, e eu parado na porta, observando. Esquecera o lenço, mas o Padre Pio não. Voltou-se para mim e, mostrando-me o lenço, disse: "Ei, e este não vai levar?" "Ah, sim, obrigado".

Fixou-me nos olhos, abriu o lenço, passou-o no rosto, como a enxugar um hipotético suor, que não havia porque era inverno, e mo entregou. Tinha sido um evidente gesto de delicadeza para comigo. Retomando o lenço, eu me sentia profundamente comovido. Entendi que me havia dado um valioso presente.

Percebeu algo de especial naquele lenço?

Nada havia no lenço. Tenho certeza. Tratava-se de um lenço amarrotado, nada mais. Mas tinha estado nas mãos de Padre Pio, que o passou no seu rosto, o que para mim virara uma relíquia excepcional. Chegado ao hotel, contei tudo à minha mulher e também ela sentiu-se feliz por termos esse objeto. Voltando para casa, o guardamos com a maior devoção. Eu o carregava sempre comigo, como um amuleto. Levava-o, dobrado, na lapela do casaco, e mais vezes o mostrava aos amigos, contando a história. Todos o tocavam respeitosamente e, com o passar do tempo, o lenço foi tomando uma cor feia, parecia sujo.

E quando apareceu aquela misteriosa imagem?

No dia 23 de setembro de 1969, primeiro aniversário da morte de Padre Pio, fui de novo a [San Giovanni Rotondo](#), com minha esposa e outros devotos de Padre Pio. Viajamos de noite num ônibus, chegando ao destino às cinco da manhã. Sentia um grande cansaço, muito maior que de costume. Fiquei um pouco na cripta da igreja, rezando junto ao túmulo do Padre Pio, mas logo, não conseguindo vencer o sono, subi até a igreja e sentei num banco à parte, para descansar.

Adormeci logo... e sonhei com o Padre Pio. Vi-o sair do altar-mor e vir na minha direção. Estava sorridente. Chegando na minha frente, com as mãos abriu o hábito mostrando-me a chaga do lado. "Toque-a", disse-me. Eu não queria, temia produzir-lhe alguma dor. Mas ele insistiu; "Toque-a". Pus então os dedos na

chaga. Ao retirá-los, notei que estavam sujos de uma espécie de massa branca, grudenta. Instintivamente procurei limpá-los, mas não sabia onde. De repente apareceu um pedaço de tecido branco, uma espécie de lenço, e nele eu limpei os dedos. Aquela massa branca, porém, deixava no lenço sinais pretos. E não sei por que, passando por cima as pontas dos dedos, consegui uma tosca imagem do padre Pio. Procurei ver o frade, mas havia desaparecido (isto em sonho). Naquele momento alguém me acordou. Era minha mulher. "Está muito cansado?" perguntou-me. "Mas deu para descansar um pouco", respondi e acrescentei: "Vou dar uma saída para refrescar o rosto".

No fundo da Igreja havia uma fonte, que depois foi trocada de lugar. Muita gente ia apanhar água para tomar e também por ser considerada como "água de Padre Pio". Aproximei-me, molhei as mãos e o rosto e tirei do bolso um lenço, para enxugar-me. Mas, ao invés do lenço normal, por engano, tirei aquele que o Padre Pio me havia dado. Uma senhora, que estava na minha frente, disse: "Puxa, como está sujo o seu lenço! Quer que o lave?" Olhei o lenço e vi que estava até preto e manchado. "Sim, lave-o", concordei eu. E enquanto pronunciava estas palavras admirei-me dessa decisão, porque mais vezes minha mulher pedira para lavá-lo e nunca lhe havia permitido. A senhora aproximou-se e começou a derramar água da sua garrafa sobre o lenço. Eu o esfregava nas mãos. De repente ela começou a gritar: "**Padre Pio, Padre Pio**". "Onde está ele?", perguntei. "Ali, no lenço" disse-me ela, continuando a gritar. Acorreu muita gente. Assustei-me. Um dia antes, uma senhora, que havia gritado na igreja, dizendo ver o Padre Pio nos degraus do altar, fora presa pelos carabineiros e levada à delegacia de polícia. Pus no bolso o lenço todo molhado e me afastei dizendo: "Nada de novo a ver". Refugiei-me na igreja e pouco depois voltei ao hotel.

No lenço via-se o rosto do Padre Pio.

Eu, na verdade, via sinais pretos desconexos, semelhantes aos que parecia ter visto em sonho. Podiam fazer pensar num rosto humano, mas não eram claros. E eu, embora sentindo que algo de misterioso estava

acontecendo naquele lenço, não queria me enganar. Por isso não disse nada a ninguém, nem mesmo à minha mulher. Antes de deitar, estendi o lenço sobre a mesinha de cabeceira para que enxugasse. De manhã, durante a Missa, rezei ao Padre Pio que me "fizesse entender" o significado dos sinais aparecidos no lenço. E pedi-lhe também permissão para poder confidenciar com minha mulher o fato. Percebi logo um forte perfume e interpretei-o como permissão para falar com ela.

Enquanto retornávamos ao hotel, contei a ela o que acontecera. Subindo ao quarto, apanhei o lenço e o pus diante dos olhos. "Consegue distinguir alguma coisa?" – perguntei-lhe. "O rosto de Jesus" disse ela. "Nada de Jesus, é do Padre Pio!" retruquei. "Para mim é o rosto de [Jesus](#)". Olhei e me dei conta de haver mostrado à minha esposa uma imagem diferente daquela que eu tinha visto. Virei o lenço, e do outro lado havia o rosto do Padre Pio, formado por aqueles sinais pretos desconexos, que havia percebido também na tarde anterior, mas agora o rosto aparecia nítido e detalhado. Durante a noite, portanto, haviam-se formado aquelas duas imagens misteriosas, distintas e diferentes, que mostravam, num lado, o rosto de Jesus, e no outro, o do Padre Pio.

Confuso e apavorado, não sabia o que dizer nem o que fazer. Aconselhei-me com alguns religiosos. Todos, vendo a imagem, admiravam-se, mas depois me pediram para manter silêncio. Retornando a Conegliano, procurei meu Bispo e também ele me recomendou silêncio. Temiam que o caso pudesse suscitar fanatismo e atrapalhar a causa da beatificação. E eu obedeci. Guardei sempre escondida esta imagem. Só a mostrava a quem tinha autorização dos [frades capuchinhos](#). Mas agora tenho a permissão de torná-la conhecida. E espero que decidam enfim examiná-la para entender qual é seu valor e seu segredo.

NOTA: Este depoimento (de fatos vividos entre 1968-1969) só foi dado em fins de 1998, portanto, uns 30 anos após. O processo de beatificação do Padre Pio encontrava-se concluído e estava já marcada a data da

beatificação (02/05/1999). Não havia mais razão para o silêncio.

Daí o interesse de Francisco Cavicchi de tornar públicos os fatos. Quis valer-se do jornalista Renzo Allegri, especialista para fatos desse gênero e conhecedor da vida do Padre Pio. Esse publicou um artigo sobre o caso, mas mantendo-se, porém, neutro, com um pé atrás.

Francisco Cavicchi era um industrial bem-sucedido em [Conegliano](#). E tinha 85 anos. Em razão de seus méritos, o [Presidente da República](#) lhe concedera o título de [Comendador](#). Era um [cristão](#) convicto, praticante, tanto assim que fora designado como responsável pelos "[Grupos de Oração do Padre Pio](#)" em sua cidade, cargo que só se oferecia a pessoas que se distinguissem pela prudência e pela prática da vida espiritual.

Mesmo assim, Renzo Allegri tinha a impressão de que, ao menos em parte, isso fosse fruto de fantasia. Uma história desconcertante, ou incrível. Francisco Cavicchi morreu em 2005, aos 92 anos. E o famoso lenço foi confiado a uma comunidade de frades, e lá, a certa altura, decidiram submeter as imagens ao exame de um perito.

Dirigiram-se ao professor Júlio Fanti, da [Universidade de Pádua](#). Fanti é docente de "Medidas Mecânicas e Térmicas" no Departamento de Engenharia Mecânica da dita Universidade, um cientista notável, que participou na organização de diversos empreendimentos espaciais dos [Estados Unidos](#). Mas é também um perito do santo sudário, sobre o qual fez importantes pesquisas, escreveu livros, e é um estudioso daquelas imagens misteriosas, ditas "*acheropite*", palavra que significa "não feitas por mão humana".

Fanti estudou o caso com a maior seriedade, chegando a conclusões que verdadeiramente possuem algo de incrível. *"As duas imagens que aparecem no lenço não têm explicação científica e, portanto, não são obra humana. Apresentam ademais as típicas características do Santo Sudário: não foram pintadas, não foram desenhadas, na tela não se encontra qualquer traço de tinta ou de outra substância. A Ciência deve estar*

aberta a tudo e, se existe um objeto estranho do qual não se conhece a origem, o caminho certo é indagá-lo".

Fanti usou dos meios científicos mais modernos e sofisticados para explicar o caso, como análises fotográficas no visível, no ultravioleta, no infravermelho, análises químicas, análises no microscópio eletrônico etc. **"A conclusão é irrefutável: é impossível que estas imagens sejam de obra humana"** – concluiu ele.

A PALAVRA DO PASTOR

12 VIRTUDES NECESSÁRIAS

Em sua criatividade pedagógica o Papa Francisco, às vésperas do Natal 2015, apresentou em duplas 12 virtudes necessárias para a renovação da Cúria Romana e também para toda a Igreja.

1. Ser missionário e pastorear: "A fé é um dom, mas a medida da nossa fé demonstra-se também pela nossa capacidade de comunicá-la".

2. Idoneidade e sagacidade. Diz o Papa que "idoneidade é a capacidade de realizar da melhor forma as próprias tarefas e atividades, com inteligência e intuição, enquanto a sagacidade é a prontidão de espírito para compreender e lidar com situações na sabedoria e criatividade".

3. Espiritualidade e humanidade. "Espiritualidade é a espinha dorsal de qualquer serviço na Igreja e na vida cristã... A humanidade é algo que encarna a autenticidade da nossa fé."

4. Exemplaridade e fidelidade. Enquanto a exemplaridade é para evitar os escândalos que ferem e ameaçam nosso testemunho, a fidelidade expressa nossa coerência com a consagração e vocação.

5. Racionalidade e bondade: "A racionalidade serve para evitar os excessos emocionais e a bondade para evitar o excesso de burocracia".

6. Segurança e determinação: "Segurança é a capacidade de fazer o melhor... Determinação é a capaci-

dade de agir com firmeza, visão clara e obediência a Deus”.

7. Caridade e verdade: “Realizar a verdade na caridade e a caridade na verdade”.

8. Honestidade e maturidade: A honestidade se constitui a base de tudo, enquanto a maturidade “é o esforço para alcançar a harmonia entre as capacidades físicas, mentais e espirituais”.

9. Respeito e humildade: “O respeito é uma qualidade de almas nobres e sensíveis; a humildade é a virtude dos santos e pessoas cheias de Deus”.

10. Generosidade e atenção. Segundo o Papa Francisco, seremos mais generosos na medida que confiamos no Senhor. A atenção será a virtude de oferecer o melhor de nós mesmos.

11. Coragem e prontidão. A coragem significa não ceder nas dificuldades e a prontidão de não se apegar às coisas.

12. Disponibilidade e sobriedade: “Disponível é saber manter os compromissos... Sobriedade é a prudência, simplicidade, essencialidade, equilíbrio e moderação”.

+ Hélio Adelar Rubert - Arcebispo Metropolitano de Santa Maria/RS.

ATIVIDADES NA ERMIDA

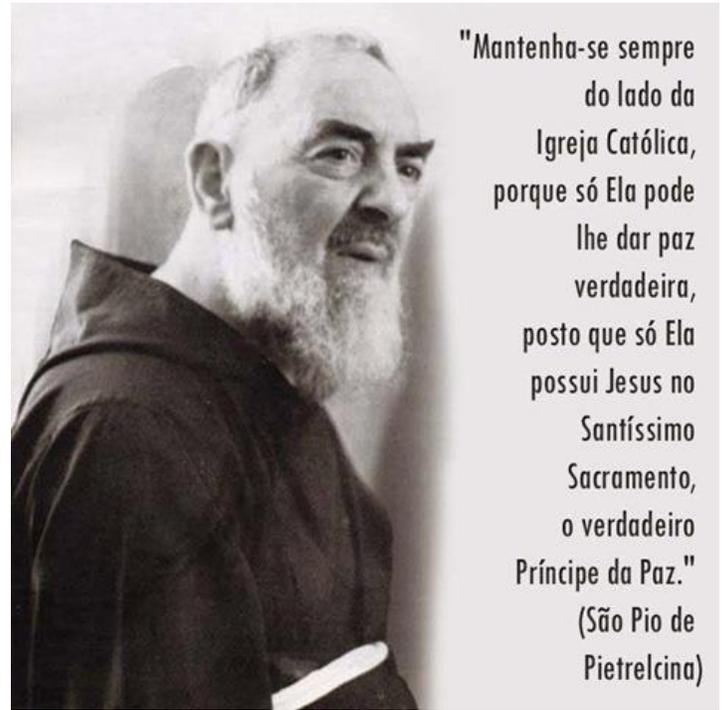
A Ermida está aberta para visitação todos os dias das 8 às 18 horas.

As celebrações previstas para o mês de julho:

Dia 09, às 15 horas com a reza do terço e 15:30 horas com a celebração eucarística.

Dia 23, às 15 horas com a reza do terço e 15:30 horas com a celebração eucarística.

Amigos – Desejamos a todos um ótimo m s, lembrando esta frase de São Pio:



FALE CONOSCO:

A Voz da Ermida é um boletim informativo das atividades da Ermida de São Pio de Pietrelcina e também de divulgação da palavra de Jesus e da devoção a São Pio.

Mande seu depoimento e sugestões.

Nosso contato é pelo site: www.saopio.com.br e pelo e-mail: ermida@saopio.com.br

A Voz da Ermida   editada pela Associação São Pio de Pietrelcina.

Ermida São Pio
ASSOCIAÇÃO SÃO PIO DE PIETRELcina
Cerro Comprido . Faxinal do Soturno . Quarta Colônia . RS . Brasil
www.saopio.com.br - ermida@saopio.com.br